PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS.

REVISTA MENSAL
ANO IX - Nº 95

GALVÃO EDITORA

NÃO FIQUE SÓ NA VONTADE; ENVIE SEU ANÚNCIO PARA O "CORREIO CONFIDENCIAL" E, DEPOIS, VIVA MOMENTOS DE INTENSO PRAZER

COM UM JEITO MUITO DESCONTRAÍDO, NOSSAS(OS) LEITORAS(ES) MOSTRAM SEUS DOTES AOS INTERESSADOS

PAPAI NOEL ESTÁ AÍ, COM O SACO CHEIO, MAS DE LINDAS MULHERES, SÓ PARA VOCÊ, LEITOR, ABRILHANTAR AS SUAS NOITES DE FESTA

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

PRIVATE

REVISTA MENSAL - ANO IX - Nº 95 - DEZEMBRO DE 1992

GALVÃO
EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Diretor e Editor Responsável:
Pedro Galvão Moreira

Diretor da Redação e Produção:
Moacir Machado

Diretora de Arte:
Sílvia Ribas

Arte Final:
Fábio Rodrigues Moreira

Redatora:
Ivonete M. Nascimento

Revisor:
Roberto Zoccola

Fotografias:
Real Press International

Composição de Texto:
Studio Private

Fotolitos:
Yanguer

Distribuição exclusiva para todo o País:
Fernando Chinaglia Distrib. S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655 - Rio de Janeiro - RJ.

PRIVATE é uma distribuição mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw, 113, Luz, São Paulo, SP, CEP 01105-040, Fax 229-1679, Telefones 229-0367 e 229-8915. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Registros de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.

E D I T O R I A L

FELIZ NATAL!

Ao final de mais um ano, queremos agradecer aos leitores pelo prazer de sua companhia, acompanhando passo a passo o nosso trabalho. Aliás, muito trabalho, mas com a certeza de que, sem ele, nada do que aconteceu de bom (e foram tantas coisas!) seria possível. Esperamos continuar contando com o apoio de todos em mais um ano de lutas e sucessos, objetivando a uma Private cada vez melhor. Feliz Natal a todos!

N E S T A E D I Ç Ã O

4 DIÁRIO SEXUAL
Dentre outras boas histórias, o relato de um leitor que conta, em várias etapas, os ménages realizados por ele e sua fogosa mulher, e as "conseqüências" desses relacionamentos

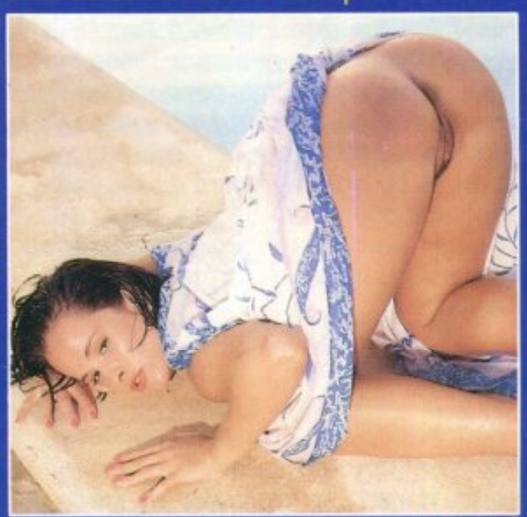
14 TRIBUNA DO LEITOR
Use este espaço sempre que quiser reclamar ou dar sugestões. Ele é todo seu!

33, 38 e 74 GAROTAS SENSUAIS
Papai Noel não poderia deixar de nos dar sua valiosa contribuição neste Natal. Vejam que belas mulheres ele trouxe de presente para nossos leitores!

18 AIDS: SEXO MAIS SEGURO
Contando com a colaboração do leitor W.S.B., de Goiânia, transcrevemos o trabalho do jornalista Morten Krogvold, do Norwegian Gay Health Committee, publicado na revista "Ação Anti-Aids" nº 13

23 CORREIO CONFIDENCIAL
Propostas e mais propostas de sexo. Seguramente, uma se enquadra em suas fantasias. Encontre a que mais lhe agrada e boas transas!

42 LEITORES EM CLOSE
Com menos palavras e um visual que fala mais alto, nesta seção os leitores expõem seus dotes na vitrina. Participe!

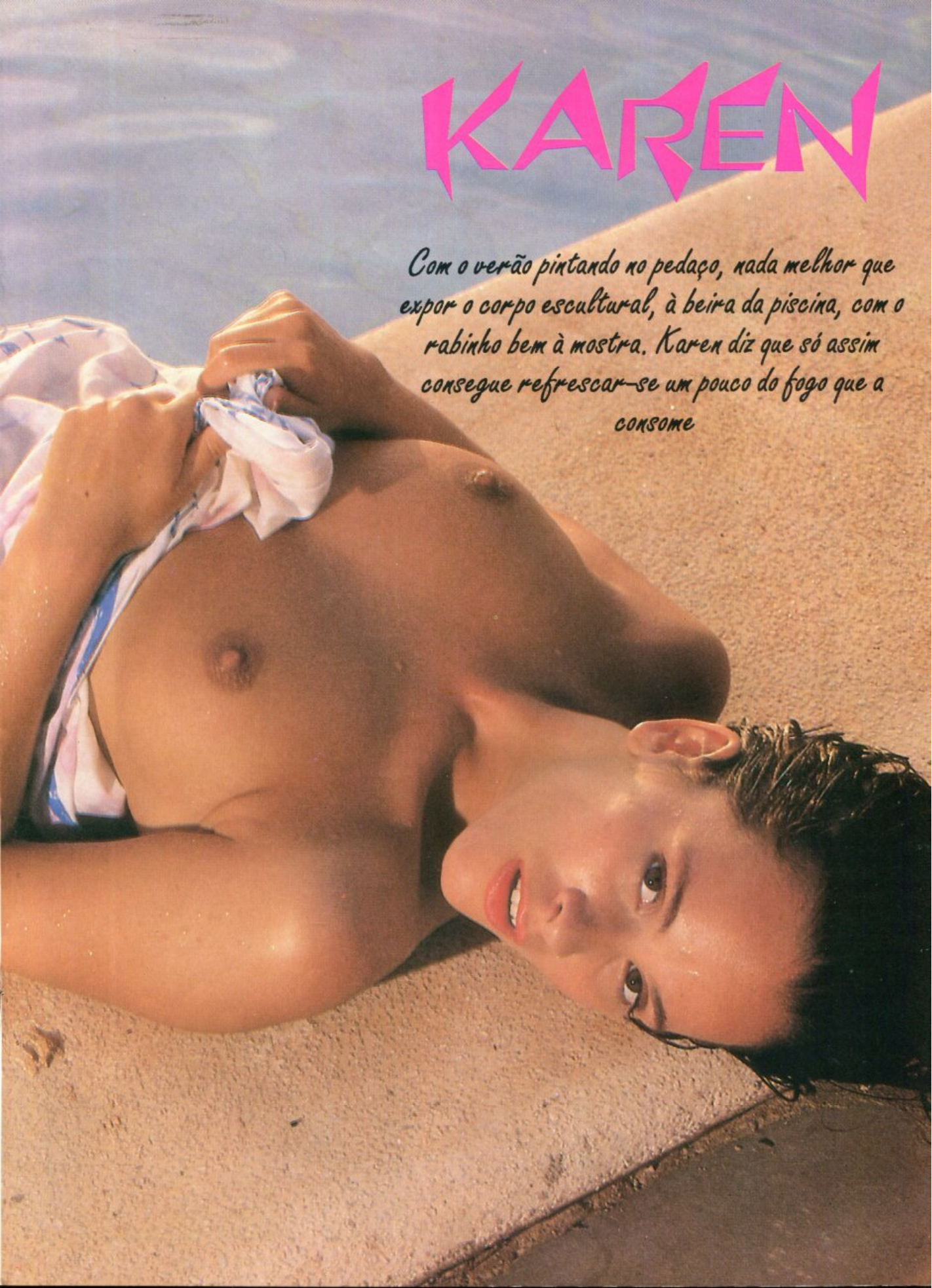


LINZY & TAMMY

Esta dupla é de arrebentar a boca do balão! Elas curtem muito o amor entre mulheres. Dizem que não há nada mais gratificante!

KAREN

Com o verão pintando no pedaço, nada melhor que expor o corpo escultural, à beira da piscina, com o rabinho bem à mostra. Karen diz que só assim consegue refrescar-se um pouco do fogo que a consome



KAREN

Com o verão pintando no pedaço, nada melhor que expor o corpo escultural, à beira da piscina, com o rabinho bem à mostra. Karen diz que só assim consegue refrescar-se um pouco do fogo que a consome

Dina

Seu corpo vibra de tesão; sua xana implora por um membro capaz de lhe dar múltiplos orgasmos. Assim é Dina, uma mulher insaciável, incapaz de satisfazer-se com uma só trepada

UMA HISTÓRIA FANTÁSTICA

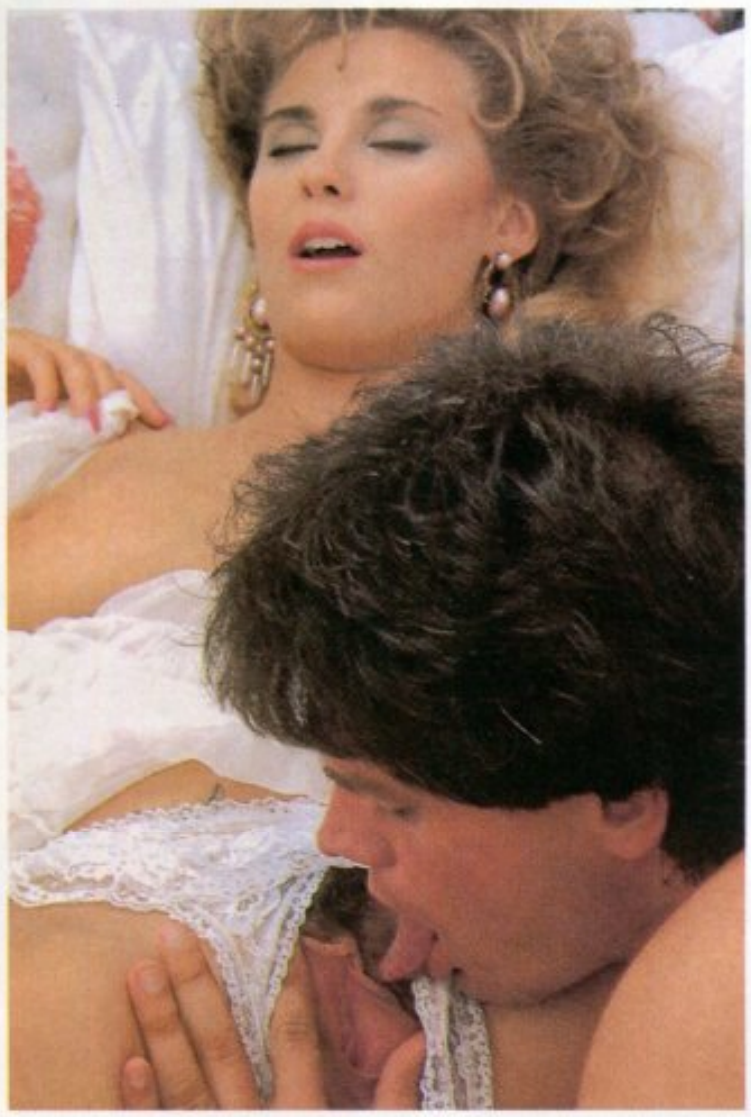
Tudo o que passo a narrar aconteceu realmente, em 1981, em uma excursão à "Pousada das Águas Quentes", famosa estância hidromineral no Estado de Goiás. Na época, trabalhava como motorista de uma empresa de turismo e fui escalado para apanhar um grupo de pernambucanos que estava hospedado em um hotel da avenida São João, no centro de São Paulo. Cheguei por volta das 19 horas e procurei o guia, tendo encontrado-o no saguão do hotel.

Enquanto conversava com José Carlos, notei que uma loira, de cabelos curtos e sentada ao fundo do saguão, não parava de me olhar com seus lindos olhos azuis. Perguntei ao guia se aquela mulher fazia parte da turma e sua resposta foi positiva. "É uma pessoa muito especial; quase não se mistura com o restante do grupo", completou. Sentindo que seria muito difícil ser a ela apresentado, resolvi fazê-lo por minha própria conta.

Após me dirigir à loira, cumprimentei-a, com uma certa reverência, e estendi-lhe a mão, que ela apertou timidamente. "Meu nome é Ana. E o seu?", falou com voz suave. Disse-lhe meu nome e perguntei por que não se misturava ao restante do pessoal. Justificou dizendo que conhecia poucas pesoas do grupo e, além disso, tinha outros motivos, suficientes, para ficar isolada. Senti uma aspereza acentuada no tom de sua voz e não mais toquei no assunto.

Deixando na sozinha, dirigi-me à portaria e sentei numa poltrona colocada estrategicamente no canto, de onde podia notar que ela continuava a me olhar com insistência. Vez ou outra deixava transparecer um sorriso muito sensual e extasiante, que me deixava meio sem jeito. Depois levantou-se, veio até mim e perguntou: "Jair, será que você se incomodaria em dar uma saidinha e mostrar-me a cidade aqui pelas proximidades do hotel?" Como poderia recusar aquele pedido?! (Ou será que devo dizer convite?) Pedi licença a José Carlos e ele me disse que não precisava preocupar-me, pois o grupo estava em horário de janta. Apenas solicitou para não demorar muito.

Caminhávamos, conversávamos e acabamos chegando à praça da República, que àquela hora estava repleta de pessoas as mais diferentes - casais, bichas, travestis... Para meu espanto, Ana colou-se a mim, passou seu braço em torno da minha cintura e falou baixinho, com voz suave: "Jair, estou com um pouco de frio; será que você poderia me abraçar?" Não precisou falar duas vezes. Passei o braço em torno do seu ombro delicado e senti um tesão divino. Adentramos a praça e, a cada passo que dávamos, a garota mais me apertava e passava as unhas em minha cintura.



Quando notou que eu estava de pau duro, Ana alertou carinhosamente: "Amor, sua calça vai acabar rasgando aí na frente". Meio sem jeito, respondi que não precisava preocupar-se, pois ali, naquela praça, onde tudo era possível, ninguém iria reparar se o meu cacete estava dentro ou fora da calça. Então, ela me convidou para sentarmos e escolhi um banco quase escondido em meio a várias árvores e plantas. Depois de conversarmos sobre assuntos os mais diversos, a garota me pediu para beijá-la. O primeiro beijo foi suave, mas o segundo foi de rachar o sapato. Nossas línguas se enroscaram e nossa respiração misturou-se.

Ana pousou sua delicada mãozinha, por cima da calça, sobre meu caralho, que, naquela altura do campeonato, estava prestes a estourar. Alisava o cacete por cima do tecido e, com a unha, raspava a cabeça do bicho, que dava pulos de tesão. Quando lhe falei para parar, pois, do contrário, acabaria gozando na calça, ela, sorrindo, abriu a braguilha e tirou para fora o pau, que devido à sua grossura e de tão duro quase não cabia em sua mão.

Depois, Ana baixou a cabeça e deu um sonoro beijo na cabeça do meu pau. Em seguida, olhou para cima, sorriu, baixou novamente a cabeça e, gulosamente, pôs-se a chupar minha vara como se ela fosse um sorvete. Já não agüentava segurar mais e disse-lhe que gozaria em sua boca se não parasse. Não me deu atenção e continuou com a chupeta. Não deu outra: inundei sua garganta de porra. Para minha surpresa, Ana engoliu tudinho, não perdendo uma só gota. Ato contínuo, levantando a cabeça, falou mansamente: "O que é gostoso deve ser aproveitado, não é mesmo?!" Limpou-se num lenço que lhe dei e voltamos para o hotel, de onde saímos à meia-noite com destino a Caldas Novas.

Chegamos ao destino por volta das seis e meia da manhã, hora que o café começava a ser servido. Cada um dos excursionistas foi para o seu quarto. Troquei de roupa e saí para um banho de piscina. Fiquei ali, curtindo a deliciosa temperatura da água, esperando encontrar minha doce Ana. Mas não a vi. Voltei ao quarto, de onde só saí na hora do almoço. Somente quando eu já ia saindo do restaurante foi que dei de cara com a gata, que vinha almoçar. Apenas trocamos um breve "olá".

De volta ao quarto mais uma vez, apanhei uma cerveja geladinha, deitei nuzinho e fiquei ali, saboreando a bebida e ouvindo, baixinho, músicas em FM. Quarenta minutos depois, atendi a campanhia da porta e lá estava Ana, sorrindo gostosamente e trajando um minúsculo biquíni vermelho, além de uma toalha em volta do pescoço. Diante da minha perplexidade, perguntou se poderia entrar. Refeito do susto, dei-lhe passagem e tranquei a porta com a chave. Então ela setenciou: "Se você não for comigo para a piscina, vou ficar junto em seu quarto!" Logicamente, preferi a segunda hipótese.

Ao abraçar Ana com força, ela me ofereceu os lábios, que imediatamente foram beijados por mim. Minhas mãos criaram vida própria e começaram a percorrer aquele corpo maravilhoso. Alisei seus seios, suas costas, sua bundinha e, também, sua rachinha, que se contraía ao contato. Chupei sua orelha, seu pescoço, e fui descendo até o umbigo, que acariciei com a ponta da língua, levando-a à loucura. Com os dentes, baixei sua tanga até os joelhos, e pressenti sua bocetinha molhada e perfumada. Não havia um só pêlo para atrapalhar a chupação.

Ana estava tesuda demais. Tremia e delirava de prazer. Tirei seu sutiã e comecei a mamar seus seios empinados e aveludados, com biquinhos durinhos. Ela delirava de tanto tesão. Peguei-a no colo e deitei-a na

cama, passando a chupá-la inteirinha. Ana posicionou-se de uma forma que propiciou um delicioso sessenta-e-nove, e gozamos um na boca do outro. Depois de uma merecida ducha para relaxar, quando fumei um cigarro, tomei uma cerveja e ela um refrigerante, voltamos para a cama prontos para uma segunda sessão.

A malhação estava uma coisa de loucos. Posicionei o cacete na entrada da bocetinha de Ana, para penetrá-la, quando ela me falou: "Amor, vai devagar com esse pauzão, pois ainda sou virgem, tá?!" Quase desmaiei. Era difícil acreditar na virgindade daquela mulher de quase 30 anos. Com muito carinho, dei continuidade à tentativa de penetração do seu buraquinho lindo e apertadinho, mas estava mesmo muito difícil. Como não tinha nenhum outro lubrificante, peguei em cima da mesinha uma embalagem individual de manteiga e passei-a no bicho e também na xoxotinha da garota.

Comecei a penetração lenta e carinhosamente. Ana chorava baixinho, e de seus lindos olhos azuis escorriam lágrimas cristalinas. Ela gemia, soluçava e arranhava-me as costas com as unhas. A cabeça entrou rasgando em suas carnes macias. Depois, com uma estocada mais forte, entrou todo o resto do pau. Pressentindo que a gata poderia desmaiar, perguntei-lhe se queria que parasse. "Não. Apesar da dorzinha, está uma delícia e quero gozar muito!", foi sua resposta, que gravei na memória para sempre.

Após uma semana inteira de muita malhação, o grupo retornou para São Paulo, indo direto para o aeroporto de Congonhas (na época, o aeroporto internacional da capital paulista), onde embarcaria para o Recife. No desembarque do ônibus, despedi-me dos turistas e de José Carlos, o guia, deixando a doce Ana para o final. Depois de uma despedida bem formal, ela tirou seu relógio e estendeu-o para mim, dizendo: "Jair, este presente é para que você nunca me esqueça. Toda vez que olhar para ele, vai lembrar de nossos momentos de intensa felicidade". Beijou-me no rosto e se foi. Fiquei por ali, tristonho, esperando a decolagem do avião, e não mais vi Ana.

Estava distraído, quando passou por mim uma freira, toda vestida de preto, mais parecendo um pingüim. Ela cumprimentou-me com a cabeça baixa, sem olhar, e seguiu em frente. Fiquei como uma estátua, sem me mexer. Aquela voz, aquela voz... não, não podia ser verdade! Era muita coincidência, ou então...? Será?! Seria Ana?! Uma freira?! Corri atrás, mas foi inútil, não consegui alcançá-la.

Ao ser anunciado, nos alto-falantes, o último aviso para o embarque daquele vôo, foi que vi, através da porta de vidro que separa o saguão da sala de embarque, aquela mulher linda me olhando, numa triste despedida. Sim, era ela. A freira me olhou com um sorriso triste e notei duas lágrimas escorrendo em seu belo rosto. Meus Deus, Ana era uma freira! Perdi perdão ao Pai, mas, agora, não poderíamos mais voltar atrás, pois tudo já havia acontecido. A garota (ou será que deveria dizer a religiosa?) me acenou e saiu para o pátio de estacionamento das aeronaves, em direção à escada do avião.

Depois de um mês, recebi uma carta da enfermeira chefe do Hospital Militar do Recife, contando-me tudo sobre Ana. E nunca mais tive notícias da minha deusa.

Jair, Caixa Postal 1.064, Carapicuíba, SP, CEP 06321.

ATRAÇÃO FASCINANTE

Uma das coisas que mais me atrai é transar a esposa na frente do marido. Se ela for inexperiente, então, acho mais fascinante ainda. Isso porque o delicado jogo da sedução, misturado ao tesão, nervosismo e ansiedade da mulher, tempera um prato que eu adoro devorar bem lentamente, regado a muito carinho.

Após haver colocado um anúncio no "Correio Confidencial" da Private, recebi um bom número de cartas, algumas por demais interessantes. Dentre elas, uma chamou especial atenção, pela maneira agradável e bastante educada transmitida na escrita. Tratava-se de um casal dos seus 30 anos, que dizia há muito cultivar a fantasia de iniciar-se no mundo das pessoas liberais, de cabeça aberta, pois acreditavam eles que, assim, sairiam de uma rotina de cinco anos de casamento.

Uma semana depois de responder à carta do casal, recebi o telefonema de uma mulher que se identificou como Fabiana. Apesar de ela mostrar-se um pouco nervosa no início, aos poucos a conversa foi ficando descontraída e, durante uns bons 40 minutos, mantivemos um papo bastante agradável, ao final do qual marcamos um encontro para a quinta-feira da semana seguinte.

No dia e horário combinados, rumei para o local do encontro. A placa do veículo que o casal usava facilitou a sua identificação. Após as apresentações, fomos tomar alguns chopinhos. No barzinho, pude observar melhor Fabiana, uma mulher muito atraente: alta, esguia, olhos verdes, lábios carnudos, muito elegante. Rogério era de pouca conversa, mas, bastante objetivo, demonstrava muita elegância em suas palavras. Retornamos ao carro e, ali mesmo, no estacionamento, ficamos conversando durante um bom tempo, num papo em que rolou um pouco de tudo, desde trabalho, política, filhos, até, por fim, o sexo, assunto em que ambos demonstraram um pouco de nervosismo, a ponto de suas vozes falharem de vez em quando.

Naquele dia, esperava apenas por um encontro cordial, de reconhecimento. Mas a ansiedade de Fabiana falou mais alto. Quando lhes disse que, se houvesse interesse, tinham meu telefone para contato, ela foi logo perguntando: "Há algum problema de irmos neste momento mesmo para um motel?" Justificou que há muito tempo o casal vinha adiando o ménage pretendido, por insegurança e falta de coragem, mas, já que estavam ali, era melhor ir em frente, antes que acabassem recuando novamente. Eu não era louco de perder aquela oportunidade!

Fomos para um motel ali perto e tive de deitar-me no banco traseiro do carro para não ser notado pelo pessoal da portaria. Fechada a porta da garagem, Rogério disse que preferia aguardar alguns instantes, no carro, e entrar minutos depois. No interior da suíte, aquela nervosa e bela mulher mostrou-se em brasas. Bastou um longo beijo e carícias, mesmo ainda vestida, para que começasse a gemer e respirar fundo, ao mesmo tempo que esfregava freneticamente suas coxas em meu cacete duro como aço. Ainda de pé, iniciei um delicioso ritual de carícias por todo seu corpo exuberante. A cada parte que ia sendo desvendada, aplicava-lhe lentos e deliciosos beijos e mordidelas. Assim foi com os lábios, pescoço, costas, seios, barriga, coxas, sempre subindo e descendo até que ela ficasse totalmente nua.

Tirei minha calça e camisa e fiquei apenas de cueca. Tomei Fabiana nos braços, coloquei-a na cama, de barriga para cima, e reiniciei o maravilhoso percurso de seu corpo, com minha língua indo e vindo, dos seios até a xoxota molhadinha. Ela gemia baixinho. Ao penetrar a língua na sua grutinha, Fabiana deu um grito tão alto, que até me assustou. Mas não a ponto de me fazer parar de saborear sua xaninha deliciosa. E fiquei ali, ora sugando o grelinho, ora penetrando a língua ou na boceta ou no cuzinho. Em lágrimas e quase aos gritos, aquela linda mulher agora implorava para eu penetrá-la, pois não agüentava mais gozar somente com a língua. Não dei ouvidos a seus apelos e continuei a devorar sua xoxota com a boca.

Somente depois de uns 15 minutos de chupação, arranquei minha cueca e passei a penetrar Fabiana lentamente. Mesmo com sua grutinha bastante ensopada de tesão, o início da penetração foi dificultado pelo tamanho e grossura do meu cacete. Mas, depois, difícil era controlar a histeria da mulher. Parecia que havia recebido uma descarga elétrica de alta tensão. "Olha bem como ele mete gostoso, como é grande o seu cacete! Não é assim que você queria ver a sua esposinha, espetada sem piedade num pau delicioso?! Diga que sou a sua puta, uma cadela, vagabunda, prostituta! Ai, que delícia, como é gostoso! Mais... mais... quero ficar com a boceta toda esfolada! Fala que tá gostoso, amor, fala!", provocava Fabiana. Só então, ao ouvir essas palavras, foi que percebi Rogério, nu, ao lado da cama, observando a cena e masturbando-se. Desde que entramos na suíte e até aquele momento, nem me lembrava mais dele.

Fabiana explodiu num gozo escandaloso. Mas queria mais, muito mais! Aquela mulher parecia que há muitos anos não levava rola. Cada nova trepada era sempre aos berros. Assim foi de quatro, de pé, comigo por trás, de lado, cavalgando... Depois de algumas horas diretas, deixei-a na companhia do marido e fui para a banheira de hidromassagem, recuperar as energias. Passado algum tempo, chegou o casal. Fabiana, um

pouco envergonhada, pedia desculpas pelos gritos. Disse-lhe que havia adorado, pois nunca comera uma mulher com tanto fogo assim.

Ali mesmo, dentro da banheira, Fabiana passou a chupar o meu cacete, enquanto seu marido a penetrava por trás. Aquilo reacendeu seu fogo e ela começou a gemer novamente. Invertemos os papéis, eu e Rogério, e outra vez tracei aquela bocetinha gostosa. Depois de cinco deliciosas horas no motel, onde Fabiana foi comida por mim e o marido nas mais variadas posições, até mesmo sobre a mesinha de servir o lanche, demos por encerrada a sessão de fodas e fomos embora, não sem antes prometer-lhe que não me relacionaria com mais ninguém que não fosse ela, além de minha esposa, é claro. Fabiana faria o mesmo: só eu e seu marido.

Durante oito meses, mantivemos o pacto e nosso relacionamento continuou, com as transas acontecendo não mais em motel, e sim na residência do casal, já que não tinham filho. Saíamos todas as sextas-feiras para barzinhos, sorveterias, restaurantes... Mas o final de noite era sempre o mesmo: a casa deles. Rolava de tudo entre nós: jogos eróticos, strip-tease, desfile de lingeries etc. etc. Mas tudo acabou há dez meses. Afastei-me ao perceber que a vida do casal estava, novamente, entrando na rotina. Era hora de eles conhecerem novas pessoas. Apesar de o afastamento ter sido por iniciativa minha, sinto muito a falta daquela mulher fantástica não somente na cama, mas também fora dela, a Fabiana; bem como daquele amigo bacana, leal e verdadeiro, que é o Rogério.

Se algum casal, iniciante ou experiente, de 18 a 45 anos, estiver a fim de viver aventura semelhante, escreva-me. Sou mulato, simpático, amigo, carinhoso; tenho 33 anos, 1,75m, boa aparência e ótimo caráter.

Pedrinho, Caixa Postal 18.212, São Paulo, SP, CEP 04699-970.

MARIDO ASSISTENTE

Era sábado, noite de lua cheia. Resolvemos ir ao cinema e escolhemos um filme pornô, que nos deixa com muito mais tesão. Conforme havíamos planejado, entramos no meio de uma sessão e separamo-nos. Bel para um lado; eu para outro. Entre nós, uma distância de cinco poltronas. De onde eu estava podia perfeitamente observar minha mulher, com suas lindas e torneadas coxas para além da minissaia, os seios quase inteiros à mostra através do decote muito ousado da sua blusa etc.

Durante o filme, tudo escuro, não tardou muito para que um rapazola sentasse ao lado de Bel. Na tela, as cenas de sexo eram uma constante. Percebi que o moço alisava as pernas de minha mulher, que retribuía alisando a piroca dele por sobre a calça. Após algum tempo, ele tirou a varetona para fora e pude ver o grandioso monumento que era. Bel começou a bater uma punhetinha para ele. Em contrapartida, o rapaz tocava uma bela siririca nela. Na tela, o filme corria solto; na poltrona, a coisa esquentava cada vez mais. Bel ajoelhou-se por entre as pernas do cara e pôs-se a chupar a sua pica.

Conforme havíamos combinado ainda em casa, fiz um sinal para a minha mulher, levantei da poltrona, segui para a saída de emergência e, protegido pela escuridão, fiquei aguardando a chegada dela e do franguinho que havia capturado. Assim que chegaram, puseram-se a trocar beijinhos e a malhar. Sem perda de tempo, o danado tirou a calcinha negra e rendada de Bel e foi enfiando a pica na xana, não totalmente isento de dificuldades, mas sempre com muito carinho e delicadeza.

Quase que imediatamente após adentrar até as bolas a gruta faminta e insaciável da minha adorada esposinha, o moço tirou o caralho para fora da boceta e gozou fartamente nas coxas dela. Na seqüência, colocou Bel de costas e tentou meter em seu rabicó, porém, não conseguiu, já que seu membro era exageradamente grande, um colosso! Aproveitando-se dessa oportuna posição, colocou novamente na buça e socava-lhe a benga como se fosse um intrépido garanhão puro-sangue comendo a sua égua favorita. Depois de muito socar e estocar, o rapaz gozou dentro de minha mulher, que também no mesmo tempo atingiu um prolongado e extasiante orgasmo.

Não pensem os leitores que nossa noitada terminou ali, no cinema. Depois que saímos, Bel ainda trepou com mais dois rapazes, que fizeram misérias com ela. Mas essa já é outra história, e fica para uma outra vez.

Quem quiser tentar iniciar a Bel no sexo anal, é só escrever. A preferência é para homens de pica pequena. Enviem carta detalhando como gostariam de iniciá-la nessa prática sexual.

Vânder, Caixa Postal 2.016, São Carlos, SP, CEP 13560.